BARROSÃ, AROUQUESA E MARONESA

QUE FUTURO PARA ESTAS RAÇAS AUTÓCTONES?

Manuel Leitão

1987

Nº
52 L

AS NOSSAS RAÇAS AUTÓCTONES

DE

MONTANHA

Os nossos bovinos das raças autóctones são, talvez, dos poucos existentes no mundo que ainda não sofreram alteração nas suas características por influência de raças estranhas. Até há poucos anos, a sua exploração teve como principal finalidade a realização dos trabalhos agrícolas, dos transportes de vária ordem e, atingida uma certa idade, a engorda e o abate.

A mecanização de alguns sectores que utilizavam o seu trabalho deu origem, nas áreas de dispersão das raças, à redução dos bois e, nos seus solares, à substituição destes por vacas. Os lavradores procuraram ir buscar às criações uma compensação para a redução do número de bois.

As vacas, além do trabalho da exploração agrícola, passaram a ter como principal finalidade a produção e criação de vitelos(as) para abate, após a desmama, ou para a recria, a que se juntava, nalguns casos, a produção de leite, como acontecia e ainda acontece com a vaca arouquesa.

A decisão tomada pelos lavradores em nada prejudicou a sua economia porque a população bovina continuou a ser, numericamente, a mesma e a manter-se com os subprodutos de uma exploração agrícola pouco diversificada e muito condicionada pela área diminuta que lhe era destinada, nalguns casos por forragens semeadas, mas, mais frequentemente, pelos pastos espontâneos que encontrava na serra.

O centro de criação da raça Barrosã estava na zona planáltica da serra do Barroso, donde lhe veio o nome, zona designada, também, por Terras do Barroso ou, simplesmente, Barroso. O seu limite fazia-se, a norte, pela serra do Larouco, tendo à sua esquerda a serra da Mourela, a poente, pela serra do Gerês, que ligava a nordeste com a Mourela, e a sul, pela serra da Cabreira.

A região assim delimitada correspondia ao concelho de Montalegre e à maior parte do de Boticas, às freguesias de Campos e Ruivães, do concelho de Vieira do Minho, e, ainda, às freguesias do concelho de Cabeceiras de Basto que lindam com a freguesia de Salto, do concelho de Montalegre.

Até há cerca de 40-50 anos, metade dos terrenos do planalto Barrosão situados a norte da estrada Braga-Chaves mantinham-se incultos, sendo neles apascentados os gados no decorrer do ano, enquanto não chegavam os frios mais intensos do Inverno, segundo um regime comunal característico da região.

.../...

A população bovina era e continua a ser explorada na produção e criação de vitelos(as). Dada a sua capacidade leiteira exceder quase sempre a necessidade das crias, muitas das vacas eram mungidas durante a fase de amamentação e depois da desmama, destinando-se o leite ao consumo em natureza e ao fabrico caseiro de manteiga.

Os vitelos produzidos, na sua maior parte, saíam do Barroso para as zonas acidentadas do Minho, onde eram recriados. Os não abatidos após a recria eram preparados e ensinados para substituírem os bois logo que estes deixavam de trabalhar e entravam na engorda. Esta operação era realizada em regime estabular ou semiestabular, sendo a alimentação dada à mão, ou em regime misto. Atingido o estado de ceva desejado, seguiam para o matadouro.

Eram os animais saídos do Barroso, e recriados nas zonas montanhosas do Minho, a que se juntavam alguns oriundos das zonas do Maronês e Arouquês, também engordados nas pastagens dos plainos mais ligados à orla marítima do Minho e Douro ou alimentados à mão, que, no século passado e ainda no primeiro quartel do actual se exportavam para Inglaterra, mercado que conquistaram em pouco tempo devido à categoria da sua carne, incluída no grupo das melhores do mundo.

Entretanto, verificava-se uma certa escassez de carne no mercado interno, de que resultou uma maior procura de vitelos para recria e uma maior dificuldade em obtê-los. Esta nova situação originou que os lavradores que recriavam os vitelos e algumas vitelas se decidissem a alargar e a intensificar a recria destas e, concluída esta fase, passassem a explorá-las na criação.

Esta nova modalidade de exploração e de expansão da raça Barrosã foi-se alargando e consolidando, a partir do Barroso, às zonas confinantes do Minho, acabando por ocupar toda a parte montanhosa deste, até à fronteira norte, e a aproximar-se da orla marítima minhota e duriense, até Vila do Conde. Daqui, a sua expansão inflectiu-se para o interior, seguindo os concelhos de Famalicão, Guimarães, Felgueiras, Fafe, Celorico de Basto e Cabeceiras de Basto.

Enquanto se consolidava a nova área de criação da raça, na década de 40-50, o médico-veterinário Dr. Carlos Alberto da Silva Pereira, colocado no Posto Zootécnico de Montalegre, iniciava os primeiros ensaios de cultura de batata naqueles terrenos incultos, ensaios que, pelos resultados conseguidos e confirmados, acabariam por conduzi-lo à cultura de batata para semente, recebendo a colaboração do padre Avelino Lopes no desenvolvimento dos trabalhos.

.../...

O êxito obtido reflectiu-se na área dos terrenos incultos e na própria raça Barrosã por virtude da redução progressiva do campo de apascentação. A situação agravou-se quando o boi barrosão se revelou impotente para fazer o arroteamento. Recorreram por isso ao maronês, mas também sem êxito, acabando por ser com o boi mirandês que se resolveu o problema do arroteamento.

A área de pastagem foi-se reduzindo, ao mesmo tempo que, devido à entrada do maronês e do mirandês, começaram a aparecer e a aumentar os produtos de cruzamentos.

Uma região que se tinha destacado de todas as do Norte, pela categoria dos animais que produzia e apresentava, aparece hoje com uma população bovina onde, muitas vezes, não é possivel distinguir as raças que estão representadas em cada vaca que aí se encontra. Trata-se de uma mistura de raças onde, embora apareça alguns animais que, pela conformação e desenvolvimento, chamam a atenção, a maior parte dos indivíduos mostram,contudo,indícios da evolução negativa que resultará de toda esta confusão, sobretudo a sul da vila de Montalegre.

Pelo que está dito e confirmado,o efectivo barrosão desapareceu, na sua maior parte, da zona do seu solar situada a norte da estrada Braga-Chaves. O mesmo aconteceu na maior parte do concelho de Boticas, onde persistem,no entanto, alguns núcleos de criação nas zonas mais próximas da freguesia de Salto. É nesta, bem como nas de Campos e Ruivães, do concelho de Vieira do Minho, e nas do concelho de Cabeceiras de Basto próximas da de Salto, que se encontra o que resta do primitivo solar da raça Barrosã.

A freguesia de Salto vai resistindo, e estamos convencidos de que resistirá mesmo a todas as tentativas que se façam naquele sentido, sobretudo se continuarmos a encontrar nos lavradores receptividade para a orientação que se pretende dar-lhes. Não é numeroso o efectivo existente na referida freguesia e alguns animais,através da sua descendência, mostram a influência de raças estranhas. Nesta altura, estão a desenvolver-se acções por via do Registo Zootécnico para eliminar do efectivo factores estranhos que nele possam existir.

Por influência da base xistosa que caracteriza o solo do antigo solar, encontramos ainda na freguesia de Salto a representação mais corpulenta da raça Barrosã. Se a saída da maior parte dos representantes da raça da zona Norte do solar teve importância por ter limitado o número de animais que constituía a seu primitivo núcleo, essa redução foi bem compensada pela sua expansão por todos os concelhos incluídos na região definida anteriormente.

.../...

Posteriormente, verificaram-se alguns recuos em zonas que a Barrosã tinha ocupado, devido ao desenvolvimento da indústria de lacticínios e, por isso, à expansão da vaca turina. Esses recuos, a norte e a poente, podem ter fixado definitivamente o limite da sua expansão, a partir do antigo solar, na estrada Melgaço - proximidades de Valença, por alturas de Taião, a norte, e deste lugar a Braga, passando por Ponte de Lima, a poente. Fora destas limitações, nos concelhos de Famalicão e Guimarães continuam a existir as juntas de bois da raça Barrosã, a que se junta, neste último, um número de vacas idêntico ao que sempre aí existiu. No concelho de Fafe, nas zonas menos acidentadas e a poente da estrada Fafe-Lixa, também a maior parte do barrosão foi substituído por turinas. Nos outros concelhos, nas zonas menos acidentadas que se interpõem no lado poente entre o limite referido e o início da encosta montanhosa, aparece, ainda, um certo número de vacas leiteiras, outro tanto acontecendo no limite norte, onde a turina está substituída pela Gelbvieh, mais ou menos cruzada com o que resta da antiga raça Galega. No interior da área de exploração da raça Barrosã, aparecem algumas vacas leiteiras isoladas, sendo o leite produzido consumido localmente.

A evolução, expansão e projecção da raça Barrosã através dos tempos, a sua rusticidade, resistência e poder de adaptação, em todas as circunstâncias, à região montanhosa, onde, muitas vezes, consegue viver uma boa parte do ano apenas com a erva que vai crescendo entre as pedras e o mato menos endurecido, justificam que se lhe tenha dedicado mais atenção, embora muitas das referências que se lhe fizeram correspondam, também, ao que se passa com a Arouquesa e a Maronesa. Quanto a estas, faremos algumas considerações que justifiquem as referências que já se fizeram a seu respeito, começando, naturalmente, pelas regiões onde sempre existiram.

O solar da raça Arouquesa situava-se na região de Arouca, donde lhe veio o nome, e em S. Pedro do Sul, dispersando-se pelas zonas mais acidentadas e confinantes de alguns dos concelhos dos distritos de Aveiro, Viseu e Porto. É, como a Barrosã, uma raça de montanha. Primitivamente, segundo dados que foi possível reunir, a zona de produção e criação do distrito de Aveiro localizava-se nos concelhos de Arouca, Vale de Cambra, Sever do Vouga e Castelo de Paiva, aparecendo, ainda, alguns animais de criação nos concelhos de vizinhos.

No distrito de Viseu, explorava-se nos concelhos de Resende, Cinfães, Castro Daire, Vila Nova de Paiva, Satão, Viseu e nos do grupo de Lafões (S. Pedro do Sul, Vouzela e Oliveira de Frades).

No distrito do Porto, nos concelhos de Penafiel, Amarante, Baião e Marco de Canaveses.

.../...

Actualmente, a raça Arouquesa encontra-se nos mesmos concelhos do distrito de Aveiro; na parte de Lamego confinante com o de Resende e em todo este concelho, na parte montanhosa de Castro Daire ligada ao de Cinfães e neste concelho, e na parte de S. Pedro do Sul do lado de Vale de Cambra e Arouca, do distrito de Viseu; nos concelhos de Amarante, Baião e Marco de Canaveses, do distrito do Porto.

A instalação da indústria de lacticínios em Vale de Cambra facilitou a entrada da vaca turina nos vales e partes menos acidentadas dos concelhos de Arouca e Vale de Cambra, substituindo a maior parte das vacas arouquesas. Por este motivo, a sua principal área de exploração ficou circunscrita à zona serrana da região, onde, aliás, sempre se tinha mantido.

No concelho de Arouca, a maior pobreza de recursos alimentares na zona serrana, a maior agressividade da serra e a maior limitação das áreas das parcelas cultiváveis reflectem-se de forma acentuada na apresentação e desenvolvimento dos animais. As consequências que daí resultam, agravadas pela exploração leiteira, a que se junta a idade avançada de muitos animais, alguns dos quais já deviam ter sido substituídos, são de causar preocupações devido à necessidade de renovar o efectivo e ao elevado preço das novilhas que deveriam substituí-lo. Nos restantes concelhos do distrito, o gado tem melhor apresentação, o meio em que é explorado oferece melhores condições, e, embora não seja jovem, também não é de idade tão avançada.

Nos concelhos dos outros distritos, o lavrador limita-se a assegurar a alimentação dos animais com os recursos de que dispõe, sem outro fim que não seja o de obter deles a prestação dos serviços de que necessita e a criação de vitelos(as), embora sem pensar no touro que utiliza na cobrição. O aspecto geral das vacas pode considerar-se normal, talvez por serem mais bem alimentadas, mas, certamente, por não serem exploradas na função leiteira.

O estado da população bovina arouquesa de parte dos concelhos do distrito de Aveiro, dos de Viseu e do Porto deverá corresponder à alimentação que lhe seja dada para assegurar a sua exploração e mantê-la em regular ou bom estado de conservação.

Quando o criador, para além do que está dito, se interessa pela raça, procura animais de melhores características, aos quais assegura uma alimentação regular e de acordo com as suas necessidades, e se preocupa com a categoria dos touros utilizados na cobrição, tudo é diferente, como acontece com as vacas de alguns criadores dos concelhos de Amarante e Baião, onde, o nível que apresentam é melhor do que o das dos outros criadores.

.../...

O solar da raça Maronesa tem estado e continua localizado nas serras do Marão e Alvão, principalmente nos concelhos de Ribeira de Pena, Mondim de Basto, Vila Pouca de Aguiar, Vila Real, Sabrosa, Alijó e parte do de Murça.

O efectivo explorado era e continua a ser representado por vacas utilizadas nos trabalhos agrícolas e na produção e criação de vitelos(as). A quase totalidade das vitelas era recriada para a renovação do efectivo da criação, sendo algumas também abatidas à desmama, geralmente aos 5-6 meses de idade. Os vitelos não consumidos após a desmama, eram vendidos para recria, seguindo para os concelhos de Celorico de Basto, Felgueiras, Lousada, Amarante, Marco de Canaveses, Baião, Santa Marta de Penaguião, Mesão Frio, Régua, Lamego, Armamar, Tabuaço, S.João da Pesqueira, Carrazeda de Ansiães, Vila Flor, Mirandela, Valpaços, Chaves, Montalegre, Boticas e Cabeceiras de Basto. Durante a fase de recria, eram ensinados para estarem aptos a substituir os bois da mesma raça que seguiam para engorda. Alguns destes, depois de gordos, juntavam-se aos das outras raças que seguiam para Inglaterra.

Naqueles concelhos, principalmente nos mais acidentados, a sua presença continua a assinalar a antiga área de dispersão de uma das raças nacionais mais resistentes de unha e de temperamento mais enérgico para se movimentar na serra.

A PROPRIEDADE AGRICOLA E AS CONDIÇÕES EM QUE SÃO MANTIDAS E EXPLORADAS AS RAÇAS AUTÓCTONES

Os solares e áreas de dispersão das raças Barrosã, Arouquesa e Maronesa estão situados nas zonas mais acidentadas das províncias do Minho, Douro Litoral, Beira Litoral e Trás-os-Montes. Trata-se de regiões que, pela sua natureza orográfica, ligada à densidade e necessidades das populações que nelas vivem, estão aproveitadas,no campo agrícola, até ao limite do inconcebível. A divisão da propriedade nas zonas menos acidentadas, vista do alto, lembra um conjunto de mosaicos multicolores, representando cada um deles uma unidade de exploração. As zonas mais acentuadamente acidentadas apresentam-se em socalcos, dando a impressão, vistas de baixo, de se tratar de uma escada enorme, em que cada degrau representa uma ou mais propriedades. Tudo terá sido construído pelo lavrador, na esperança de um dia chegar ao cima da montanha e poder ver o seu património aumentado.

Todas as intenções que estiveram na origem de dominar a serra seriam normais e aceitáveis, mas a necessidade de todos sobreviverem levou as áreas conquistadas para um grau de parcelamento tal que uma junta de vacas nem sempre consegue movimentar-se normalmente na lavoura. Se, acaso, se lembram de recorrer ao tractor, e se este consegue lá chegar, pode acontecer que cada rego obrigue a dois percursos por não haver espaço para virar.

Tudo isto acontece,e a vida continua, nas regiões onde é explorada a raça Barrosã, e mesmo a Arouquesa e a Maronesa, graças à combinação água-terra-vaca, que permite ao lavrador fazer a exploração intensiva pela participação da água e pela colaboração da vaca, que proporciona a matéria orgânica necessária para a terra produzir ininterruptamente.

A propósito da densidade da população e divisão da propriedade, o Sr. Professor Amorim Girão escreveu "... não é a maior ou menor divisão da propriedade que actua sobre a densidade da população, sobre a variedade de seus produtos agrícolas e sobre as características do seu regime agrário, como tantas vezes ouvimos dizer: todos estes factos humanos, económicos e sociais são, ao lado dela, outras tantas consequências de factos naturais, em que a maior ou menor quantidade de chuva recebida anualmente pelos terrenos tem visível prioridade. Só a abundância de água permite a cultura intensiva e as mesmas culturas anuais nos mesmos terrenos, como acontece no Noroeste;..."

.../...

Durante o Verão, quando os campos estão cultivados, o gado fica estabulado, mas a maior parte dele sai todos os dias de madrugada para o monte donde regressa a meio da manhã. No Minho, nas zonas das principais serras, os lavradores estão organizados em regime comunal para terem um touro de cobrição e poderem dispor de áreas, na serra, para onde deslocam as vacas e o touro no princípio de Maio, mantendo-os aí até fins de Setembro. Durante esta permanência, os animais são guardados à vez pelos lavradores, sendo o tempo de guardaria de cada um deles determinado pelo número de vacas que lá tem. Esta organização é designada por VEZEIRA.

Os defeitos que se apontam às nossas raças não são, em muitos casos, de considerar já que traduzem o reflexo da maneira como é conduzido o seu maneio, desde a desmama até ao fim da sua exploração na produção e criação de vitelos(as). De facto, muitos lavradores escolhem a pior vitela para criar porque tem menos valor para venda, e, se têm de comprar, optam pela mais barata. Durante a recria, não dispensam qualquer cuidado apropriado à sua alimentação, tanto no aspecto quantitativo, como no qualitativo.

A idade da novilha à primeira cobrição - quase sempre antecipada em relação à idade e desenvolvimento mais aconselhados - a falta de cuidado na escolha do touro que a há-de cobrir, ou a qualquer vaca - muitas vezes, o que se encontra mais à mão e seja capaz de dar o salto -, a irregularidade da alimentação no decorrer do ano, em todas as idades e em todas as fases da sua exploração, tudo isto contribui para a "falta de categoria e para os defeitos" que se apontam às nossas raças autóctones. Todavia, isso está muito longe de corresponder às suas reais potencialidades. Para confirmar esta afirmação, e para quem tenha dúvidas, bastará apreciar as representações que aparecem nos concursos pecuários, especialmente as da raça Barrosã, fruto dos cuidados postos pelos lavradores na escolha dos vitelos(as) que desejam recriar e da aplicação do maneio adequado durante a recria.

Apresentámos e justificámos algumas das causas que determinaram as condições humanas, económicas e sociais nas regiões onde se exploram as raças autóctones.

Procurámos melhores soluções do que as postas em prática pelo lavrador, mas acabámos por concluir, em presença das estruturas em que assenta a sua actividade e dos condicionalismos impostos pela divisão e configuração da propriedade, pela densidade da população e, ainda, pela desconfiança do lavrador de tudo o que se relaciona com a intervenção do Estado, que não será possivel encontrar melhores soluções do que as actuais enquanto o lavrador não estiver devidamente esclarecido.

.../...

Esta posição não significa que não haja nada a fazer, naquelas condições, no que respeita às raças autóctones. Sómente quer dizer que, perante tudo o que relatámos anteriormente, resultado de um contacto directo e intenso com as populações e com o meio e condições em que têm de viver e trabalhar, as raças autóctones são as únicas que têm condições para viver e produzir nas regiões onde são exploradas, ajudando o lavrador através do trabalho e das crias que produzem.

Nenhuma daquelas raças que tanto entusiasmam os que não têm de as alimentar ou de estar à espera da venda do vitelo para resolver problemas prementes consegue, vivendo nas mesmas condições, suplantá-las em rendimento.

As nossas raças estiveram sempre afastadas de todas as intervenções que pudessem contribuir, directa ou indirectamente, para a sua defesa e melhoramento.

Há meia dúzia de anos, a Direcção-Geral da Pecuária tomou as medidas necessárias para pôr a funcionar os registo zootécnicos que hão-de conduzir cada uma delas aos respectivos livros geneológicos.

Depois de ter sido organizado e posto a funcionar o registo zootécnico da raça Mirandesa, iniciou-se, em 1981, o da raça Barrosã. A cobertura de toda a área de criação desta raça foi concluída no início de 1986, com a inscrição de cerca de 17.000 vacas.

Em meados do mesmo ano, começaram os trabalhos para a abertura do registo zootécnico da raça Arouquesa, e no fim de Dezembro passado estavam já inscritas 2 200 vacas.

Nesta primeira fase, em que a decisão de adesão ao registo zootécnico é dos lavradores, como o será sempre em quanto não for decidido o encerramento do registo, a acção desenvolve-se junto deles, procurando-se esclarecê-los acerca de tudo o que se relacione com a exploração pecuária, ou seja: cobrição e escolha de touros; criação e escolha de vitelos(as); recria e cuidados a dispensar-lhes, especialmente em matéria de alimentação; idade e desenvolvimento aconselhados para a primeira cobrição; distinção entre vacas boas e más criadeiras; regularidade na alimentação dos animais; cuidados a ter com a saúde deles, especialmente no caso de doenças transmissíveis,etc.

Para além de tudo isto, e depois de explicar o que são e para que servem os registos zootécnicos, procura-se conversar com os lavradores, sem limite de tempo, numa tentativa de se conseguir que eles apresentem os seus problemas, sobretudo os relacionados com a sua actividade, com o fim de se contribuir para o seu melhor esclarecimento e abertura a uma maior aproximação pelo aumento progressivo da sua confiança nos serviços oficiais.

.../...

Apesar do que se apresentou de negativo relativamente às diferentes fases da vida das raças autóctones, representadas, principalmente por vacas, incluindo as condições em que vão crescendo para substituir as que vão chegando ao fim, a tudo isso elas têm resistido,e continuarão a resistir, devido à sua rusticidade e sobriedade, embora à custa da sua condição física e estado de apresentação, mas mantendo inalteráveis as suas características rácicas.

Se é certo que alguns dos aspectos focados anteriormente se relacionam com a alimentação, e esta é bastante condicionada pelas limitações do lavrador, a verdade é que a maior parte dos casos negativos apresentados se situam nos touros de cobrição, na escolha dos vitelos(as) para criar e nos cuidados dispensados durante a recria, incluindo a idade da primeira cobrição.

Para além de todas as razões para acreditarmos nas raças autóctones, mesmo que continuasse a não haver qualquer intervenção nas condições em que têm sido criadas e exploradas, hoje acreditamos com muito mais convicção que elas deixarão de parecer de "categoria inferior" se o programa em curso continuar a ser executado com o mesmo entusiasmo e convicção que lhe têm sido dispensados pelos responsáveis pela sua execução, especialmente no respeitante à acção de esclarecimento, a intensificar junto dos lavradores, esclarecimento que terá atingido aquilo que se pretende quando, por via dele, forem os lavradores a solicitar a presença dos serviços para os ajudar.

Insistimos no diálogo porque estamos convencidos de que sem a confiança e a compreensão dos lavradores qualquer iniciativa ligada à sua actividade que parta dos serviços do Estado não terá grandes hipóteses de entrar no campo de acção da sua actividade normal.

Na fase em que estão os trabalhos, a principal dificuldade que encontramos resulta da falta de touros de cobrição que reunam condições para serem inscritos no registo zootécnico e colocados nos postos de cobrição. Para sair desta situação, iniciou-se a compra de vitelos,filhos das melhores vacas e dos melhores touros dos postos de cobrição, na esperança de mais rápidamente podermos dispôr de touros em melhores condições para substituir aqueles a que tivemos de recorrer para evitar a infiltração de outras raças ou que as vacas não fossem cobertas.

A esta intervenção na recria dos vitelos, seguir-se-á a escolha das melhores vitelas, a identificação das melhores vacas e touros, como reprodutores, com base na categoria da descendência e no resultado oferecido pelas vitelas recriadas, a fim de, progressivamente, se ir dispondo de novilhas, devidamente identificadas com a ascendência, para substituir as vacas que forem sendo eliminadas.

.../...

Será destas novilhas que sairão as primeiras inscrições provisórias nos livros geneológicos de cada uma das raças que mantenham o registo zootécnico a funcionar.

Assegurada a execução e desenvolvimento do programa, garantida a sua continuidade por uma acção cada vez mais pormenorizada dos responsáveis, tudo apoiado por uma intervenção sanitária constante, capaz de eliminar tudo quanto possa comprometer o estado de saúde dos animais e os resultados económicos da sua exploração, será possível, passados mais ou menos 15 anos, que os actuais representantes das referidas raças tenham sido substituídos por outros que, nos aspectos zootécnico e sanitário, estejam em condições de poder contribuir para duplicar o rendimento dos actuais efectivos de criação.

O que está dito, e se for cumprido com o mesmo entusiasmo e interesse com que se vem cumprindo a primeira parte do registo zootécnico, será suficiente para conseguir aquele aumento de valorização, somente pela exploração das vacas como criadeiras, não considerando a melhoria que se há-de obter por via da conformação, desenvolvimento e uniformização das populações bovinas, que passarão a representar as referidas raças - as futuras raças autóctones.

Se os trabalhos que estão a ser realizados não sofrerem alteração, é de considerar ainda uma maior valorização, sobretudo se as organizações competentes quiserem, directa ou indirectamente, interessar-se por uma carne de alta qualidade, como é a das raças Barrosã, Arouquesa e Maronesa, muito especialmente a da Barrosã.

Como dissemos anteriormente, durante mais de 50 anos os bois desta raça, depois de gordos, eram exportados para Inglaterra, tendo a sua carne sido incluída no grupo das melhores do mundo.

Em 1987, a raça ainda não foi modificada e a sua alimentação continua a fazer-se da mesma maneira, à base de produtos naturais. Logo, a qualidade da carne também não se deve ter modificado. Só que, pelo estado de confusão em que funciona o mercado de gado para abate, ninguém consegue aperceber-se da sua existência. Talvez os espanhóis se possam pronunciar !!!

De qualquer maneira, temos uma centralização de abates, pode-se controlar o gado que aí entra, há bastante possibilidade de seguir a comercialização das carcaças das reses produtoras de carne de qualidade, desde os centros de abate até aos locais de consumo.

.../...

O turismo ocupa cada vez mais uma posição de destaque na economia do País e assiste-se a uma evolução cada vez maior das suas estruturas. Se é assim, por que razão não se organizar melhor e valorizar cada vez mais a qualidade de serviço que se presta ao turista? Por que razão não se incluem nesse serviço os nossos produtos que pela sua qualidade não têm concorrência, entre os quais se pode contar a carne das raças autóctones?

MANUEL LEITÃO

Médico Veterinário